economia

Banco do Brasil registra queda de 66,5% no lucro

Piora no terceiro trimestre foi puxada pela onda de calotes do agronegócio

/ BALANÇO

MARCELO CAMARGO/AG?NCIA BRASIL/JC



Resultado operacional do banco foi negativo em R$ 906 milhões

O Banco do Brasil teve queda de 66,5% no lucro líquido ajustado no terceiro trimestre deste ano em relação a igual período do ano passado, com resultado de R$ 1,3 bilhão, depois que as perdas com empréstimos, principalmente do agronegócio, se avolumaram.

A cifra veio fora das projeções de analistas consultados pela Bloomberg, que previam um lucro líquido ajustado de R$ 3,9 bilhões, e levou o segundo maior banco em ativos do País a cortar os dividendos para o mínimo obrigatório.

Apesar de encerrar o trimestre no azul, o resultado operacional do Banco do Brasil foi negativo em R$ 906 milhões. Graças a um ganho com impostos de mais de R$ 3 bilhões, o banco teve lucro.

A piora no desempenho se deve à continuidade da onda de calotes do agronegócio, atingido por juros altos, perdas de safras por incidentes climáticos e baixa nos preços dos grãos nos últimos ciclos.

O banco registrou R$ 21 bilhões em perdas com crédito, cifra 17,3% maior na comparação com o mesmo período do ano passado. Cerca de R$ 12 bilhões disso, segundo pessoas familiarizadas com a situação, vieram do crédito rural.

Pessoas a par das conversas apontam que, entre os clientes do BB elegíveis para a renegociação, 40% decidiram não negociar, mesmo após contatos da instituição. Internamente, o banco atribui o movimento à expectativa dos devedores de que alguma medida seria lançada após as eleições para resgatar o setor. Diante da possibilidade vislumbrada de um perdão, os credores teriam deixado de quitar a fatura.

O setor do agronegócio vive uma onda de recuperações judiciais desde 2024, após quebras de safras de grãos em algumas regiões. No verão daquele ano, produtores do Centro-Oeste, do Sudeste e de parte do Paraná enfrentaram uma estiagem prolongada, devido ao impacto do El Niño.

Mais preocupado com os calotes, o banco emprestou menos. A carteira de crédito encolheu 0,5% no trimestre, para R$ 1,3 trilhão. No agronegócio, a redução foi ainda maior, de 4,3%, segundo o banco.

Para se recuperar do tombo, o banco espera apostar na ampliação da Medida Provisória (MP) da renegociação de dívidas de produtores rurais, aprovada pelo Senado Federal nesta quarta, para reaver os valores em atraso.

Mesmo assim, a expectativa é que perdas mais acentuadas com crédito aconteçam novamente no quarto trimestre. O Banco do Brasil estimou que o chamado custo do crédito fique entre R$ 21,4 bilhões e R$ 24,4 bilhões nos últimos três meses do ano. Os produtores rurais renegociaram R$ 18,60 bilhões em dívidas, segundo um monitor da Farsul (Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul) a partir de dados do Banco Central, até segunda-feira. Porém, a expectativa do setor era que as regras da MP chegassem a R$ 100 bilhões em dívidas.

Lucro da Grendene recua 12,1% no terceiro trimestre

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A Grendene, fabricante de calçados dona de marcas como Melissa, Ipanema, Rider e Cartago, encerrou o terceiro trimestre de 2026 com lucro líquido de R$ 121,7 milhões, queda de 12,1% em relação ao mesmo período do ano passado. O resultado da companhia de origem gaúcha foi pressionado pela retração das exportações, pelo aumento dos custos industriais e pela redução dos rendimentos de aplicações financeiras. No mercado brasileiro, entretanto, as vendas avançaram, impulsionadas principalmente pelo desempenho da Ipanema.

Entre julho e setembro, a receita líquida da Grendene alcançou R$ 742,1 milhões, recuo de 2,4% na comparação anual. Já o Ebitda ajustado, indicador que mede o resultado operacional antes de juros, impostos, depreciação e amortização, atingiu R$ 133,7 milhões, queda de 6,2%. A margem Ebitda ajustada passou de 20,2% para 18,7%. No período, a companhia comercializou 35,8 milhões de pares de calçados, retração de 1,5%.

O desempenho revela realidades distintas entre os mercados em que a companhia atua. No Brasil, foram comercializados 30 milhões de pares, crescimento de 3,6% em relação ao terceiro trimestre de 2025. Apesar disso, a receita bruta doméstica recuou 1,8%, para R$ 757,2 milhões, reflexo da maior participação de produtos mais acessíveis nas vendas.

Durante a apresentação dos resultados, o diretor financeiro e de relações com investidores da Grendene, Alceu Albuquerque, destacou que o ambiente de consumo "permanece desafiador". Segundo ele, os juros elevados, o endividamento e a inadimplência continuam pressionando a renda disponível das famílias e influenciando a reposição de estoques pelo varejo.

A Ipanema foi um dos principais destaques positivos do trimestre. Com as linhas masculina e feminina, a marca ajudou a impulsionar o crescimento de 4,4% no volume comercializado pela principal divisão de negócios da companhia. Em contrapartida, a categoria infantil, que possui preços médios mais elevados, apresentou desempenho negativo.

A Melissa seguiu uma estratégia diferente, concentrada na valorização da marca. Embora o volume vendido aos canais comerciais tenha recuado 6,4%, a receita líquida ajustada diminuiu apenas 0,2%, beneficiada pelo aumento de 6,6% na receita por par. Nas lojas da marca, o faturamento cresceu 7,3%, mesmo com queda de 2,9% no volume comercializado.

"Esse é um reflexo da estratégia de Melissa de valorização da marca", afirmou Albuquerque. A rede de franquias encerrou setembro com 439 lojas, frente a 425 unidades um ano antes.

Outro destaque positivo foi o comércio eletrônico. O volume bruto de mercadorias comercializadas pelos canais digitais alcançou R$ 37,3 milhões, crescimento de 10,7% na comparação anual. Ao todo, foram vendidos aproximadamente 200 mil pares pelos canais digitais, avanço de 6,2%.

Prejuízo da Quero-Quero cresce 11,3% e chega a R$ 46,9 milhões no terceiro trimestre

A Lojas Quero-Quero encerrou o terceiro trimestre de 2026 com prejuízo líquido de R$ 46,9 milhões, aumento de 11,3% em relação ao resultado negativo de R$ 42,1 milhões registrado no mesmo período do ano passado. Apesar da ampliação das perdas, a companhia apresentou recuperação nas vendas, especialmente nas unidades que já estavam em operação, enquanto os juros elevados e a maior cautela na concessão de crédito continuaram pressionando a rentabilidade.

Entre julho e setembro, a receita bruta, descontadas devoluções e abatimentos, alcançou R$ 864,3 milhões, crescimento de 9,6% na comparação anual. Já o Ebitda, indicador que mede o resultado operacional antes de juros, impostos, depreciação e amortização, somou R$ 34,4 milhões, queda de 3,1%. A margem Ebitda passou de 5,1% para 4%.

O principal destaque do trimestre foi o desempenho do varejo. As vendas nas mesmas lojas, indicador que desconsidera o efeito da abertura de novas unidades, avançaram 12%, acelerando em relação ao crescimento de 6,7% observado no segundo trimestre. A receita da atividade varejista atingiu R$ 595,5 milhões, alta de 13,1% em relação ao mesmo período de 2025.

Durante a apresentação dos resultados, o diretor-presidente da Quero-Quero, Peter Furukawa, destacou que a recuperação reflete mudanças na estratégia comercial adotadas ainda no segundo semestre do ano passado, quando a companhia decidiu reforçar o atendimento e sua proposta de valor aos consumidores.

"Desde então, nós temos observado uma recuperação gradual nas vendas que ganhou intensidade ao longo de 2026 e atingiu um crescimento de 12% vendendo as mesmas lojas no terceiro trimestre, algo bem diferente do que se viu no mercado", afirmou.

A melhora ocorreu mesmo em um ambiente considerado desafiador pela administração. O elevado endividamento das famílias e os juros ainda altos continuam limitando o consumo de bens duráveis e o acesso ao crédito, especialmente entre os consumidores atendidos pela rede.

Além do aumento das vendas, a companhia conseguiu melhorar a rentabilidade da operação varejista. A margem bruta do segmento passou de 22,2% para 22,6%, beneficiada por mudanças na composição dos produtos comercializados e pela maior participação de itens importados, que atualmente oferecem margens mais favoráveis.

O avanço da operação comercial, porém, ainda não foi suficiente para reverter os prejuízos. A margem bruta consolidada caiu de 28,6% para 26,6%, principalmente pela pressão sobre os serviços financeiros. Já o lucro bruto cresceu 2%, para R$ 230 milhões.

Uma das principais decisões da Quero-Quero em 2026 foi adotar critérios mais rigorosos para a concessão de crédito. A medida busca conter a inadimplência dos clientes do VerdeCard, cartão próprio da rede, mesmo que isso limite o crescimento das receitas financeiras no curto prazo.